



A EVOLUÇÃO DO MITO DO LOBISOMEM NA LITERATURA BRASILEIRA E O IMPACTO DA INFLUÊNCIA DO EXTERIOR

Eliza Raquel Ziglio Santela (IC) e Judith Tonioli Arantes

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

O presente projeto busca analisar a literatura e a cultura do lobisOMEM em dois países diferentes, Brasil e Estados Unidos, e como essas histórias mudaram a cultura, economia e a própria lenda do lobisOMEM em suas respectivas nações.

Para fundamentação teórica do trabalho, foram utilizadas obras de autores como Sabine Baring-Gould, Câmara Cascudo, Maria do Rosário de Souza Tavares de Lima, Ernst Havekost e José Leite de Vasconcellos Pereira de Mello. Além disso, a pesquisa aborda a origem do lobisOMEM em solo brasileiro, como essa lenda do folclore se popularizou, e como ela influencia moradores de diferentes cidades do Brasil. Também, ao decorrer do projeto, há uma análise literária de livros de histórias ficcionais de lobisOMEM nacionais e internacionais, e obras audiovisuais para que possa ser construída uma base para a comparação com o mito original do lobisOMEM e entre as diferentes culturas.

Palavras-chave: LobisOMEM. Folclore. Literatura.

ABSTRACT

The following project seeks to analyze werewolf literature and its culture in two different countries - Brazil and the United States - and how these stories changed the culture, economy and the legend of the werewolf itself in their respective nations.

For the theoretical basis of this work, books by authors such as Sabine Baring-Gould, Câmara Cascudo, Maria do Rosário de Souza Tavares de Lima, Ernst Havekost and José Leite de Vasconcellos Pereira de Mello were used. Furthermore, the research will talk about the origin of the werewolf on Brazilian land, how this folklore legend became popular, and how this influenced residents of different cities in Brazil. Also during the project, there will be a literary analysis of national and international

fictional werewolf story books, and audiovisual works so that a basis can be built for comparison with the original myth of the werewolf and between different cultures.

Keywords: Werewolf. Folklore. Literature.

1. INTRODUÇÃO

A licantropia é, de acordo com o dicionário Britannica:

“[...] transtorno mental em que o paciente acredita ser um lobo ou algum outro animal não humano. Sem dúvida estimulada pela superstição outrora difundida de que a licantropia é uma condição sobrenatural na qual os homens realmente assumem a forma física de lobisomens ou outros animais, a ilusão tem sido mais provável de ocorrer entre pessoas que acreditam na reencarnação e na transmigração de almas”.

Semelhantemente, o Licantropo, termo que significa - de acordo com o dicionário de Oxford - “acometido de licantropia”, vem do grego *lukánthrōpos*, sendo a Grécia, mais especificamente na Arcádia, a região onde eles teriam surgido originalmente. A primeira história contada da origem dessa criatura sobrenatural surgiu pelo mito de Licaão: um homem que admirava tanto Zeus que fez sacrifícios humanos a ele, e o próprio deus interveio, transformando-o em uma criatura metade humana e metade lobo, condenando a ele e aos seus filhos a viver nesta condição para sempre. A razão para o nascimento dessa história pode ter se dado por conta dos pastores que moravam nesta região e sofreram diversos ataques de lobos. Com isso, esses pastores instituíram um sacrifício humano para se livrar dos animais, sacrifício que era orquestrado por Licaão. Entretanto, a primeira obra a documentar as criaturas foi o poema conhecido como “Epopéia de Gilgamesh”, de 2100 A.C, escrita pelos antigos sumérios da região da Mesopotâmia. Nessa obra, é mostrado como Gilgamesh recusou-se a casar com a deusa Ishtar, que era conhecida por transformar homens em lobos, mas felizmente, o rei de Uruk não sofreu dessa maldição. Há outras narrativas como essas e, por isso, o antiquário e hagiógrafo Sabine Baring-Gould, cita em seu livro *Lobisomem - Um Tratado Sobre Casos de Licantropia* (1865), a possibilidade desta criatura ter realmente existido, assim como os dodôs¹ e dinornis², e essa teoria será aprofundada ao longo deste trabalho.

¹ Foi uma espécie extinta da família dos pombos, que desapareceu em 1681;

² Dinornis foi uma espécie extinta da família das moas, que desapareceu entre os anos de 1440 e 1445



A partir destas narrativas, as histórias de lobisomem foram se desenrolando cada vez mais através dos séculos, tornando-se únicas para cada país, cultura e região. No Brasil, a origem dos primeiros escritos sobre lobisomens é datada entre os séculos XVI e XVII, enquanto os registros orais não têm exatamente uma data de origem, mas é possível que o contato com esses contos de oralidade tenham dado início aos registros escritos, prosseguindo por anos e tomando força durante os séculos. Quando o reino de Portugal começou a enviar criminosos com pena de degredo ao país, vieram com eles as histórias dos lobisomens que chegaram de uma forma oral, já que para os habitantes de Portugal, as pessoas que eles consideravam sujas, criminosas, e pecadoras, estariam atreladas a estas histórias sobrenaturais.

Cada país tem sua “espécie” de lobisomem, como citado por Luís da Câmara Cascudo em *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1952, v.1, p. 401):

Licantropo da Grécia, versiopélio em Roma, voldlack eslavo, werwolf, verewolfe saxão, wahwolf germano, obototen russo, hamramr nórdico, loup-garou francês. Lobisomem, lobo-homem, lubizon, luvizon, lobinsón em Espanha, [...]. Na África existe a tradição sagrada das transformações animais, homens-lobos, homens-tigres, homens-hienas, etc.

Em Portugal e no Brasil não seria diferente, ainda de acordo com Cascudo (p. 401): “Em Portugal tem outros nomes, corredor (Minho), tardo (Paços do Ferreira). As fêmeas são peeiras e lobeiras (Minho). São filhos de comadre e compadre e compadre ou padrinho e afilhada.”

Tendo isso em mente, o objetivo do artigo apresentado nestas páginas é buscar as histórias de origem dos lobisomens no Brasil e suas documentações por meios literários, comparando-as com obras e documentos de origem estadunidense, para assim verificar como tais histórias perduram até os tempos atuais. Com isso, planeja-se apresentar como a influência dessas histórias do exterior - em filmes, livros, séries etc - impacta as obras brasileiras e, assim, traz um apagamento de como a criatura realmente é descrita no folclore nacional.

Com este intuito, a metodologia utilizada no presente trabalho é a de estudo comparativo entre obras literárias brasileiras e obras de língua inglesa, sendo estes livros de ficção ou documentais, para que seja possível comparar como o mito do

lobisomem é retratado ao longo do tempo. Também serão assistidos e analisados filmes para que haja um caráter comparativo entre esses outros gêneros de releitura da imagem do lobisomem.

Esta Iniciação Científica foi dividida em quatro objetivos específicos para que assim fosse possível abranger os estudos sobre essa criatura fantástica e, então, verificar e analisar como a influência das obras do exterior afetaram esse mito no Brasil. Os objetivos específicos buscam apresentar melhor como se dá o surgimento da personagem lobisomem no Brasil e no exterior, especificamente América do Norte, além de como essas histórias se difundiram nas nações a ponto de deixarem de ser criaturas temidas, passando a ser vistas como criaturas celebradas, fontes de inquietação, curiosidade e desejo por parte do ser humano, sofrendo uma *glamourização hollywoodiana* que afetaria para todo o sempre a forma com que o lobo-homem é visto no mundo

Para o desenvolvimento deste trabalho foram utilizados livros e relatos/entrevistas para poder verificar a influência da lenda no território brasileiro, como o caso do Lobisomem de Joanópolis (SP) e o de Ceilândia (DF). Em seguida, busca-se explicitar como o lobisomem brasileiro se parece e como ele se “origina”: qual a real aparência da criatura no Brasil, suas variações, quais suas origens e como se pode derrotá-la.

Por fim, traçaremos um breve comparativo entre a evolução do lobisomem brasileiro e esta figura no imaginário mundial, desta vez, focando nos Estados Unidos da América, e, quando apresentaremos um estudo sob a ótica comparativa considerando os mesmos tópicos de análise anteriormente mencionados.

2. DE ONDE SE DEU O MITO: ORIGEM DOS LOBISOMENS E O PESO QUE CARREGAM NO BRASIL.

Como citado nas primeiras linhas deste artigo, as primeiras histórias de lobisomens datam da Mesopotâmia antiga, antes mesmo das primeiras histórias gregas de lobisomens escritas por Heródoto (V a.C.), e desde então esse mito se alastrou cada vez mais na história, viajando por continentes e países por todo o planeta.

No Brasil, as histórias surgiram por conta dos imigrantes portugueses e esse mito se popularizou devido ao grande número de prisioneiros, prostitutas, fugitivos



de guerra que foram obrigados a vir para o Brasil para “pagarem” pelos seus erros. Como essas pessoas eram consideradas sujas pela sociedade portuguesa, logo começaram a atribuir a identidade de lobisomem a essa parte da população.

O mito do lobisomem para a sociedade portuguesa - e brasileira -, é carregado de culpa católica: as criaturas nascem fruto de incesto, da falta de confissão na igreja, ou até mesmo por não consumirem a hóstia; e a mais conhecida forma de um rapaz virar lobisomem: a falta do batismo.

No lugar da pesquisa, é o filho mais moço de uma série de sete homens. Para livrar-se do fadário (maldição) deve, segundo alguns informantes, ser batizado pelo irmão mais velho e, [...] mais tarde deverá ser padrinho de crisma do irmão que o batizou, para confirmar. [...] Se assim acontecer, não se transformará em Lobisomem. [...] Uns dizem que é castigo ou penitência que Deus dá. Outros acham que isso acontece por artes do Diabo [...] Homem que fica 10 anos sem se confessar e comungar ou sem pôr a mão na água-benta, não se livra do fadário. Quem falta ao respeito com os pais ou padrinhos pode também virar Lobisomem; se for mulher, vira Bruxa. (Lima, 1983, p.27)

Em um breve resumo, o lobisomem, nos modelos português e brasileiro, existe para aterrorizar a população com objetivo de respeito à igreja e aos costumes católicos. Deve-se lembrar também que a época de Quaresma, período de maior importância para a comunidade católica, é o ciclo em que o lobisomem se transforma todos os dias, e não apenas às quintas e sextas, e se torna mais violento, já que no período comum em que está transformado, é difícil que ele ataque humanos. Para se despistar o lobisomem na Quaresma, é necessário deixar sal na janela de casa, para que, no dia seguinte, enquanto homem, ele aceite a “oferenda” e não importune mais.

Outra característica pouco lembrada do lobisomem brasileiro é o fato de que ele se transforma toda terça e quinta-feira à noite, tirando suas roupas e se revirando no local em que um jumento deitou para poder se transformar e, assim, pagar sua sina, correndo por sete igrejas sem parar. E para destransformar um lobisomem, não existe o mito *gringo* de bala de prata: a verdadeira forma de salvar um lobisomem, é utilizando um espinho de uma laranjeira plantada em uma sexta-feira ou em um cemitério. Porém, existe um problema grande em relação a essa destransformação: o lobisomem, ao ver a pessoa que o salvou da licantropia, marca

a mesma e a mata, para que assim seu segredo não seja espalhado, por isso são poucos ou nulos os casos registrados de lobisomens que foram curados.

Essa criatura mítica também tem forte influência em pequenas cidades ao redor do Brasil, principalmente no sudeste e nordeste: os casos de lobisomens em zonas rurais são grandes e começaram a se tornar parte da cultura de pequenas cidades, como em Joanópolis, no estado de São Paulo: um município com pouco menos de 13 mil habitantes, que tornou a criatura folclórica símbolo de sua cidade.

A cidade é conhecida como “Capital do Lobisomem”; estátuas, brinquedos e objetos decorativos ficam espalhados pelo município, e a origem de tudo isso se deu por conta da folclorista joanopolense Maria do Rosário de Souza Tavares de Lima, que espalhou a história da região em seus estudos por volta dos anos 80. No começo os moradores da cidade não gostaram de ser associados com a criatura folclórica, entretanto, foi com uma gravação de uma rede de fast food na cidade, usando o lobisomem como protagonista, que os moradores começaram a se afeiçoar pelo monstro, e desde então a cidade abraçou a alcunha de “Cidade do Lobisomem”.

Daí em diante, a lenda movimentou a economia e o turismo da cidade, pois diversas pessoas saem, principalmente de São Paulo, para conhecer a Cidade do Lobisomem. A criatura é tão importante para os moradores que foi criada a Associação de Criadores de Lobisomens, um instituto cultural da cidade que busca perpetuar as histórias folclóricas e manter a chama do lobisomem viva. Há também o fato de que para o povo de Joanópolis, o lobisomem não é uma criatura do mal, mas sim um vizinho, um parente, um amigo: ele faz parte do contexto social daquele povo, e se tornou um caçador de galinhas, um “bichinho” que assusta crianças malcriadas.

Outro caso famoso e que foi noticiado pela segunda vez recentemente, é o do “lobisomem de Ceilândia”. Essa história permeia a região administrativa do Distrito Federal desde 2015, quando a primeira “fotografia” de um animal que se assemelhava ao lobisomem, andando nas duas patas traseiras foi compartilhada em um grupo de Facebook e, mais tarde, se tornou reportagem pelo Correio Braziliense (2015, 2020). Como escrito pelo autor da postagem, Andre Lopes, na rede social: “Atenção, pessoal! Tomem cuidado, pois nesta semana uma moradora de Brasília tirou a foto de um animal. Não se sabe se é um lobisomem, mas autoridades pedem que vocês da capital não saiam à rua durante a noite.”



Esses são apenas alguns casos, mas a história dessa criatura que permeia a sociedade desde antes de Cristo influencia o modo de agir de um povo, sua economia e até o que vestem e como decoram suas casas.

3. A REAL APARÊNCIA E EXISTÊNCIA DO LOBISOMEM NO BRASIL

Quando pensamos em lobisOMEM, a primeira imagem que vem à mente é a de uma criatura humanóide, coberta de pelos, nas duas patas, andando igual a um ser humano. Sua cabeça é enorme e apresenta uma bocarra cheia de dentes, que acaba exalando virilidade e masculinidade, uma criatura que praticamente virou *sex symbol* de cinema e livros; no entanto, o lobisOMEM no Brasil é diferente daquela figura *sexy hollywoodiana*.

O fato de que muitas pessoas se acostumaram a essa imagem *glamourizada* do animal folclórico fez com que acabassem perdendo a figura real da criatura no Brasil e também sua forma humana; de acordo com Cascudo em seu livro *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1954): “Os traços com que nosso povo retratou o lobisOMEM são duplos, porque também essa criatura infeliz é extremamente pálida, magra, macilenta, de orelhas compridas e nariz levantado.”

Já em “*Licantropia Sertaneja*” (1926), Cascudo diz:

O “doente” é uma pessoa apontada comumente. Magro, descarnado, vacilante, de olhos apagados e face decaída, o licantropo sertanejo é um tipo vulgar de opíparo, uma vítima da verminose, mais filho do helminto que de Belzebu. (p. 2)

E, de acordo com Gustavo Dodt Barroso, folclorista e ex-diretor do Museu Histórico Nacional:

Todo sujeito amarelo vira lobisOMEM. Nas noites de quinta para sexta-feira veste a roupa pelo avesso, espoja-se muito tempo no espojadoro dos burros e cavalos, por sobre o estrume, a depois sai a correr, com grandes orelhas esvoaçantes, roncando. Triste de quem o encontrar! Não há cacête que lhe faça mozza, nem bala que lhe rompa o couro; só se pode lutar com ele com uma faquinha curta e dura. (BARROSO, 1912, p. 264)

A forma humana de um lobisOMEM nos filmes geralmente é a de um homem forte, galanteador, que luta pelo bem e a justiça. Já na história brasileira, é a de uma pessoa doente, fraca, vista com olhos tortos pela sociedade, e sua forma monstruosa acaba não fugindo tanto disso. Como dito anteriormente, o lobisOMEM

gringo é uma criatura que esbanja virilidade e força, mas no nosso país a história é diferente.

No Brasil não existem lobos, algo que às vezes acaba sendo esquecido pelas pessoas quando falamos do lobisomem. Mas como temos homens-lobo no nosso país se não temos lobos? Como citado na introdução, os imigrantes portugueses trouxeram esse mito com eles ao vir para o novo país e este acabou se adaptando aos moldes da fauna brasileira. Algumas pessoas, ao pensar no fato de que não temos lobos, acabam retratando lobisomens como lobos-guará nas patas traseiras: lobisomens forasteiros, mas com um toque do “lobo” brasileiro. Entretanto, o lobo-guará divide apenas o nome com esse animal, pois são de espécies completamente diferentes. Como escrito por Mariana Aprile:

Apesar de seu nome, o guará não é lobo e há muitas diferenças entre essas duas espécies. Seu grau de parentesco com os canídeos lupinos se estende até a família Canidae. A partir daí, o gênero muda (o lobo é do gênero *Canis* e o guará pertence ao *Chrysocyon*). (APRILE, s/d, conteúdo digital³)

Sendo assim, como podemos falar da aparência de uma criatura lupina quando sua principal referência nem existe em solo brasileiro? Justamente pelo fato de que o lobisomem brasileiro não tem quase nenhuma semelhança com um lobo. Nacionalmente, o lobisomem pode ter a aparência de um bezerro, de um cabrito, até de um burro, mas a mais popular de todas é uma junção de cachorro sarnento, com porco e cascos de jumento. Para José Leite de Vasconcellos Pereira de Mello em *Tradições Populares de Portugal* (1882) “[...] ele [lobisomem] se espoja no local onde outros animais se espojaram, ou mesmo defecaram, e herda deles a sua aparência.” Algumas supostas fotografias do lobisomem o retratam justamente como uma criatura de quatro patas, grandes orelhas, de um pelo preto e sujo, com cabeça de cachorro e focinho de porco. Outro lobisomem que acaba não sendo muito comentado mas tem grande número de casos, é o lobisomem “orelhudo”: ele tem a mesma aparência de um lobisomem brasileiro comum, mas com longas orelhas similares às de um coelho. Quando essa criatura corre, suas orelhas estalam e causam um barulho quase como de palmas, anunciando sua chegada. Assim como menciona Gilberto Freyre, em seu livro *Assombrações do Recife Velho* (1955):

³<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/biologia/lobo-guara-maior-canideo-sul-americano-esta-em-risco-de-extincao.htm>



Tão despreocupada foi Josefina, caminhando da casa, que era um mucambo de beira de rio, para a venda, ao pé dos sobrados dos lordes, que nem pensou em lobisomem a se espojar em encruzilhadas, batendo as orelhas grandes como se fossem matracas em procissão de Senhor Morto. (p. 66-67)

Já de acordo com o médico e explorador alemão Karl Von den Steinen, que residiu por um período em Curitiba e recolheu relatos sobre lobisomens, a aparência de um lobisomem pode ser descrita de uma forma mais crua e direta:

Este tem a aparência dum grande cachorro, com as pernas traseiras muito mais compridas que as dianteiras (como quem apoia a cabeça nos cotovelos) dobradas para cima, na direção das orelhas. Há lobisomens pretos, amarelos, conforme a cor do homem. Se uma mulher dá à luz sete filhos homens, o primeiro ou o último se transforma em lobisomem. Ele mesmo não tem culpa disso, é o seu fado. Come imundícias em riachos e canais, voltando à forma humana para tornar a vomitá-las; dali o aspecto lívido e descorado. (STEINEN, 1949, p.)

Essa história repassada por Steinen de que a cor de um lobisomem muda conforme a cor do homem é vista até hoje em certos mitos, como o mais comum sendo o lobisomem preto e o mais incomum o lobisomem amarelado, que geralmente representa sua forma humana, alguém doente e anêmico. Entretanto, existe sim uma “espécie” de lobisomem devoradora de homens que, ao que tudo indica, teve influência do folclore da antiga cidade-estado de Danzigue (atualmente Gdańsk, Polônia), o lobisomem morto. De acordo com Ernst Havekost em *Die Vampirsage In England* (1890):

[...] é preciso queimar o cadáver do lobisomem, em vez de sepultá-lo. Se fosse enterrado, acordaria dentro de poucos dias devorando a carne das próprias mãos e dos próprios pés, à meia-noite, sairia da sepultura, assaltando os rebanhos e entrando nas habitações para sugar o sangue dos seres humanos (p. 39, tradução nossa)

A folclorista de Joanópolis, Maria do Rosário de Souza Tavares de Lima, em seu livro *Lobisomem: Assombração e Realidade* (1983), fala sobre o lobisomem morto, que tem o pelo branco e caça qualquer coisa que esteja à sua frente, similar à lenda do corpo seco. “O vivo, se for escorraçado pelos homens, tem medo e foge. O morto, pelo contrário, ataca para matar” (1983, p. 28). O lobisomem vivo, como citado anteriormente, come apenas animais pequenos e é medroso, se assustado

ele se afasta rapidamente pois teme a morte, mas o lobisomem branco, que não tem nada a perder, ataca independentemente se a pessoa estiver armada ou não.

Esses são os diferentes lobisomens encontrados pelo país, com aparências similares, porém diferentes e como eles moldam a cultura folclórica brasileira.

4. AS DIVERGÊNCIAS E CONCORDÂNCIAS DA LITERATURA DE LOBISOMEM NO BRASIL

As histórias de lobisomem, embora de origem europeia, foram adaptadas e disseminadas no Brasil por meio da tradição oral, principalmente nas zonas rurais, onde as lendas sobre essa criatura mítica eram contadas de geração em geração. No entanto, a inclusão formal dessa figura no cenário literário brasileiro só aconteceu de forma mais notável com a publicação da obra de José Cândido de Carvalho: *O Coronel e o Lobisomem* (1964), que foi adaptada para o cinema em 2015, com título homônimo. Carvalho descreve a criatura:

No meio da algazarra, já de fugida, vi o lobisomem pulando coxo, de pernil avariado, língua sobressaída na boca. Na primeira gota de sangue a maldição desencantava, como é de lei e dos regulamentos dessa raça de penitentes. No raiar do dia, sujeito que fosse visto de perna trespassada, ainda ferida verde, podia contar, era o lobisomem. Mas com todas essas vantagens da guerra, o encapetado já em retirada, ainda dilatei minha estada no galho da figueira. (p. 121)

Entretanto, para este trabalho, o livro *O Capeta-Caolho contra a Besta-Fera* (2018) foi lido e analisado, pois o mesmo conta a narrativa já conhecida de uma cidade rural contra um lobisomem, mais especificamente na cidade fictícia de Terezinha de Moxotó, no interior de Pernambuco, onde essa criatura folclórica passa a atacar os moradores e os mesmos decidem chamar o cangaceiro Jeremias Fortunato Silveira, o Capeta-Caolho, para matar a fera.

O lobisomem na obra é tratado como uma “besta-fera”, que significa animal feroz, entretanto esse nome pertence a outra criatura do folclore brasileiro, uma que se assemelha ao centauro da mitologia grega. No livro, as origens do lobisomem são debatidas pelos personagens; o coronel Jesuíno acredita na história de que o sétimo filho de uma família de seis meninas se torna lobisomem, enquanto Moraes diz que para virar um, você deve ser mordido ou ferido pelo mesmo e sobreviver.



Essa história não tem nada de verdade. Já ouviu aquela de que se o filho bate na mãe, também vira lobisomem? São lendas ótimas... principalmente se você quer botar medo num filho malcriado”, interrompeu o doutor com uma gargalhada. O som correu com patas peludas sobre a pele do coronel. “Tudo falso, meu caro. Tudo falso. Só tem uma forma de se tornar um lobisomem, e eu vou te dizer qual é. É ser mordido ou ferido por outro lobisomem... e sobreviver. (p. 51)

A aparência da criatura também é citada quando vista pela primeira vez, após a descoberta de quem é o lobisomem: Roberto Moraes, que revelou como foi sua transformação em lobisomem. Zé Mindim narra como é a aparência da criatura após sua esposa ter sido morta pela mesma.

Ele parecia uma sombra que andava, um vulto veloz e leve, mas era enorme e majestoso. Pensei que era um guará ou uma onça preta, por mais que essa não seja as terras dela, mas não... era um lobisomem, coronel. Devia ter o tamanho de dois homens, as patas dobradas, as costas curvadas, cheia de pelo... o focinho longo farejando a carne. Os dentes compridos raspando nos cadáveres. Ela queria algum quente, eu sei agora. Mas estavam todos duros já. Menos eu. Por isso que os olhos dela me acharam... dois olhos grandes e amarelos, dois sóis na madrugada, encimando uma carranca lupina e raivosa, fruto da completa desgraça, porque um ser como esse, coronel... é a própria maldição. A própria peste. Diante de uma besta do tipo, não é só seu sangue que gela e seu espírito que se encolhe. É sua crença que morre. Sua fé. Ela terminou de destruir o resto que eu ainda poderia ter, mesmo que parecesse muito mais lógico que, diante de um demônio como aquele, Deus também poderia existir, mas não... não, é só ela. A natureza. Ela e suas crias. E então eu soube. Que era aquilo que eu queria. (p. 68)

Também é citado que a criatura se transformava todas as sextas-feiras, e que noite de sexta era perigosa para os moradores saírem de suas casas e perambular pela cidade. Após descobrirem quem era o lobisomem e o emboscar, os cangaceiros morrem para derrotar a fera, que é exterminada pelo Capeta-Caolho com uma faca de prata, e o mesmo morre após acabar com a fera.

O lobisomem do livro tem diversas concordâncias com o folclore brasileiro, como as transformações nas noites de sexta, ele andar nas quatro patas, ter costas curvadas e os pelos pretos, até mesmo a forma como ele é morto. Entretanto, o hábito violento do lobisomem, a forma como ele se alimenta de humanos vêm de uma influência mais estadunidense em relação aos lobisomens, já que conforme analisado pela folclorista Lima, apenas lobisomens mortos são violentos assim.

Já a outra análise desse capítulo parte do filme *As Boas Maneiras* (2017), de Juliana Rojas e Marco Dutra, pela Good Fortune Films, que conta a história de um pequeno lobisomem no Brasil. Ana é uma mulher grávida que contrata Clara como sua futura babá e, após um romance entre as duas, Joel, filho de Ana, nasce no momento em que mata a própria mãe, na forma de um lobisomem. Clara decide criar o menino e desde então o protege de tudo e todos.

O filme mostra que Ana engravida de um padre após um adultério, gerando assim a maldição em seu filho, que apesar de não ser uma forma comum de se ver o surgimento de um lobisomem no folclore, esse tipo de narrativa existe nas entranhas dos casos. Joel, em sua forma lupina, tem um rosto similar ao rosto de lobisomens americanizados, com uma feição levemente humanóide, mas o mesmo anda nas quatro patas e tem as pernas traseiras maiores que as dianteiras, igual ao mito brasileiro.

Entretanto, o menino se enquadra em um caso levemente distante dos mitos brasileiros: Joel, similar ao livro de Rodrigues (2018), ao comer carne pela primeira vez, fica fascinado pela mesma e acaba matando seu melhor amigo e o devorando, além do fato de que o garoto se transforma todas as noites de lua cheia, contrário ao mito brasileiro.

Mesmo que ambas as obras acabem se distanciando um pouco do que os folcloristas catalogaram sobre lobisomens no país, essas criações ainda tem extrema importância no nosso contexto atual, pois propagam a cultura folclórica de diferentes formas: em uma tela de cinema, ou em um *ebook*; e o mais importante é como as obras se passam em períodos diferentes, anos 30 e começo de 2010 - e locais diferentes, mas ainda assim fazem com que o lobisomem se torne presente no contexto em que o mesmo está inserido.

5. DIVERGÊNCIAS E CONCORDÂNCIAS DA LITERATURA DE LOBISOMEM NO EXTERIOR

O primeiro filme a romantizar lobisomens foi *O Lobisomem de Londres* (Werewolf of London), lançado em 1935, dirigido por Stuart Walker, pela Universal Studios, e que se tornou o “pai” dos filmes de lobisomem que viriam mais à frente, pois o filme introduziu a ideia do lobisomem como uma figura trágica, que luta contra sua maldição e teme pelo bem-estar daqueles que ama, especialmente sua esposa.



Embora o filme não tenha sido um grande sucesso na época, ele estabeleceu várias das convenções que seriam exploradas em obras posteriores, como o conflito interno do personagem lobisomem e sua luta para proteger as pessoas que ama de sua natureza monstruosa.

Posteriormente, o conceito do lobisomem como uma figura romântica e trágica foi amplamente popularizado por filmes como *O Lobisomem* (1941), estrelado por Lon Chaney Jr., filme que consolidou a imagem do lobisomem como uma criatura assombrada por sua condição, lutando entre sua humanidade e sua natureza bestial. Foi este filme que realmente deu forma ao arquétipo do lobisomem romântico que continuou a evoluir em filmes e literatura ao longo dos séculos XX e XXI.

Porém, para esta pesquisa, o filme *Um Lobisomem Americano em Paris* (1997), de Anthony Waller, pelo estúdio *Hollywood Pictures*, foi analisado com o objetivo de verificar como a figura do lobisomem foi usada em um filme *mainstream* para demonstrar como essa criatura pode trazer elementos de terror e românticos em uma obra mais recente e também uma releitura do clássico filme de terror *Um Lobisomem Americano em Londres* (1981).

A relação principal do filme se desenrola entre Andy McDermott, um jovem turista americano, e Serafine Pigot, uma mulher misteriosa que carrega o segredo de ser um lobisomem. Os dois se encontram quando Andy salva Serafine de uma tentativa de suicídio na Torre Eiffel, o que imediatamente cria uma ligação entre eles. No entanto, a relação é complicada pela natureza sobrenatural de Serafine e pelos perigos que ela traz consigo. O romance entre os dois é retratado de maneira típica dos anos 90, com toques de aventura, perigo e uma química inicial que é rapidamente estabelecida. O filme tenta explorar o conflito entre o amor e a maldição que Serafine carrega.

Andy é transformado quando vai a uma festa com Serafine e seus amigos e, lá é mordido por um lobisomem e sobrevive, assim o tornando também na criatura. O rapaz mais tarde se transforma em lobisomem na noite de lua cheia e mata uma garota com quem estava e um detetive que estava o investigando após seu amigo morrer na festa dos lobisomens. O comportamento violento de Andy é comum nas

histórias dos lobisomens estrangeiros: eles são maiores, mais fortes e mais agressivos do que os lobisomens brasileiros vivos. A aparência dos lobisomens do filme é um mix de lobo com feições de homem, e o mesmo anda tanto nas quatro patas quanto nas traseiras.

Já para a análise de um livro, foi lido o livro *A Dádiva do Lobo* (2012) que conta a história de Reuben Golding, um jovem jornalista de São Francisco que é enviado para cobrir a venda de uma mansão histórica nas montanhas. Durante sua visita, Reuben é atacado por uma misteriosa criatura que é confundida com um leão das montanhas e, após sobreviver ao ataque, começa a perceber mudanças dramáticas em seu corpo e mente. Ele descobre que foi transformado em um "lobo-homem", um lobisomem dotado de poderes incríveis, como força sobre-humana, sentidos aguçados e a capacidade de se transformar à vontade.

Ao contrário do tratamento tradicional dos lobisomens como monstros amaldiçoados, a autora apresenta essa transformação como uma "dádiva", segundo a qual o protagonista sente o mal em seu corpo e luta contra o mesmo, salvando pessoas nas noites de São Francisco, sendo o principal ato dele salvar crianças que foram sequestradas em uma excursão escolar.

O livro demonstra Reuben como uma representação quase perfeita de um lobisomem *hollywoodiano*: o herói da cidade, desejo sexual de mulheres e a criatura que exala testosterona. A autora usa o personagem para mostrar um jovem galanteador que de manhã é um jornalista, e a noite um super herói desconhecido, algo que contribuiu para a romantização dessa criatura, fazendo com que as pessoas parem de temê-la e comecem a desejá-la.

Vendo essas duas obras, percebemos como desde os anos 40, existe uma busca dos estadunidenses em transformar a figura de horror em um ser que pode ser compreendido e amado, como por exemplo Jacob de *Crepúsculo* (2008), Scott McCall em *Teen Wolf* (2011), e o Oz de *Buffy a Caça Vampiros* (1997), semelhante com o que aconteceu com os vampiros e outras criaturas do imaginário comum; apesar deles ainda estarem encobertos no véu da violência, do mistério e do horror, existe, envolto nisso, um *sex appeal*, uma vontade de glamourizar esse horror e



fazer dele algo agradável ao público para atingir diversas idades e gerações e assim continuar a propagar a lenda dos lobisomens.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o que foi apresentado durante este trabalho, é possível concluir que as lendas de lobisomens tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, carregam um peso cultural forte, porém com objetivos diferentes; enquanto no nosso país o lobisomem é visto com temor, uma história que permeia cidades e constrói parte da vida de muitos brasileiros, às vezes o vemos sendo tratado com amor, carinho, e uma curiosidade que cerca essa lenda.

Já no exterior, o lobisomem acaba sendo tratado com menos temor e até mesmo uma criatura do sonho dos adolescentes e jovens adultos: ele é descolado, forte, e usa seus poderes para o bem, e até mesmo luta contra lobisomens que querem o mal da humanidade.

Sendo assim, enquanto no Brasil vemos o lobisomem como ele vem de suas raízes, sofrendo leves alterações por conta das famosas obras do exterior, nos Estados Unidos e em outros países, essa criatura acabou perdendo sua carga amedrontadora que ainda existe em solo brasileiro, e se tornou uma figura icônica dos cinemas e livros.

7. REFERÊNCIAS

APRILE, Mariana. **Lobo-guará: Maior canídeo sul-americano está em risco de extinção.** Uol.com.br. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/biologia/lobo-guara-maior-canideo-sul-americano-esta-em-risco-de-extincao.htm#:~:text=Enquanto%20os%20lobos%20vivem%20em>>. Acesso em: 15 ago. 2024.

AQUI-DF. **Foto de “lobisomem” em Ceilândia intriga internautas.** Correio Braziliense. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/08/01/interna_cidade/492926/foto-de-lobisomem-em-ceilandia-intriga-internautas.shtml>. Acesso em: 5 ago. 2024.

BARING-GOULD, Sabine. **Lobisomem: Um Tratado sobre Casos de Licantropia**. Edição Português. São Paulo: Madras Editora, 2003.

BLITZ, Matt. **Where Did the Idea of Werewolves Come From? Today I Found Out**. Disponível em: <<https://www.todayifoundout.com/index.php/2017/10/legend-werewolf-isnt-scary/>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

CASCUDO, Câmara. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. Edição Português. [s.l.]: Global Editora, 2002.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12ª Edição. São Paulo: Global Editora, 2012.

CASCUDO, Câmara. **Licantropia Sertaneja**. São Paulo: Revista do Brasil, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/imburana/article/view/9914/7013>>. Acesso em: 12 ago. 2024.

CORREIO BRAZILIENSE. **Lobisomem em Ceilândia? Moradores comentam vídeo misterioso**. Cidades DF. Disponível em: <<https://www.correio braziliense.com.br/cidades-df/2020/10/4879583-lobisomem-em-ceilandia--video-misterioso-intriga-internautas-e-moradores.html>>. Acesso em: 5 ago. 2024.

COSTA, Andriolli. **Por que a Quaresma é o momento mais sombrio do folclore brasileiro?** Colecionador de Sacis. Disponível em: <<https://coleccionadoresacis.com.br/2020/03/13/por-que-a-quaresma-e-o-momento-mais-sombrio-do-folclore-brasileiro/>>. Acesso em: 30 abr. 2024.

DE CARVALHO, José Cândido. **O Coronel e o Lobisomem**. [s.l.]: Companhia das Letras, 1978. Disponível em: <https://www.ileel.ufu.br/lexicoSertanista/arquivos/b79e0e82-fcd6-4cfd-9f8d-53bb0107dbcf_O%20Coronel%20e%20o%20Lobisomem.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2024.

DE LIMA, Maria do Rosário de Souza Tavares. **Lobisomem: Assombração e Realidade**. [s.l.]: Escola de Folclore, 2007.



DE MELLO, José Leite de Vasconcellos Pereira. **Tradições populares de Portugal**. [s.l.]: Porto, Livraria portuense de Clavel & c.a, 2008. Disponível em: <<https://archive.org/details/tradiespopulare00vascgoog/page/n15/mode/2up>>. Acesso em: 12 ago. 2024.

DALBEN, Ana Luísa Gusmão da Rocha. **FACTUALIDADE X REALIDADE: UM ESTUDO SOBRE OS RELATOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA A ORIGEM DOS CRIADORES DE LOBISOMENS**. Universidade do Oeste Paulista - Unoeste. Disponível em: <<https://www.unoeste.br/site/enepe/2016/suplementos/area/Socialis/Comunica>>. Acesso em: 29 abr. 2024.

FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho**. Edição Português. [s.l.]: Global Editora, 2024. Disponível em: <<https://asdocs.net/2MQwl~pdfviewer>>. Acesso em: 12 ago. 2024.

HAVEKOST, Ernst. **Die vampirsage in England.**, by Ernst Havekost | The Online Books Page. [s.l.: s.n.], 1914. Disponível em: <<https://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/book/lookupid?key=ha006941226>>. Acesso em: 12 ago. 2024.

LEITE, Sylvia. **Joanópolis: terra do gigante e do lobisomem**. Lugares de Memória. Disponível em: <<https://lugaresdememoria.com.br/joanopolis-terra-do-gigante-e-do-lobisomem/#:~:text=A%20pedra%20lembra%20a%20imagem>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

MUNDO FREAK CONFIDENCIAL. **Popularium | 07 | O Lobo do Homem**. In: [s.l.]: Spotify, 2017. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/7JNkfioqgIPsg3puDV7Tj6?si=6ccc5bcdcf2941cc&nd=1&dlsi=198986f2d0a44fee>>. Acesso em: 12 ago. 2024.

RODRIGUES, Everaldo. **O Capeta-Caolho Contra a Besta-Fera**. Edição do Autor. [s.l.: s.n., s.d.].

SCHADEN, Francisco S. G. **Índios e Caboclos**. Etno Linguística, v. 125, p. 44, 1949. Disponível em:

<https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3A Schaden-1949-indios/Schaden_1949_Indios_e_caboclos.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.

THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **lycanthropy** | **Britannica**.
www.britannica.com. Disponível em:
<<https://www.britannica.com/science/lycanthropy>>. Acesso em: 12 mar. 2024.

Cidade Livre de Danzigue. Wikipedia.org. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_Livre_de_Danzigue>. Acesso em: 12 ago. 2024.

Joanópolis. Wikipédia. Disponível em:
<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Joan%C3%B3polis>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

Licaão. Wikipédia. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Lica%C3%A3o>>. Acesso em: 12 mar. 2024.

elizarauel157@gmail.com, mithrellas@gmail.com